

O MARXISMO INCONCLUSO DA ANÁLISE DO DISCURSO: UM LEGADO DE MICHEL PÊCHEUX

Virgínia Borges Amaral

RESUMEN. En este trabajo se discute que, en una perspectiva de la historicidad, el análisis del discurso avanza en términos teóricos y metodológicos y rompe con los paradigmas que apoyan el objeto como un determinante del significado y con los que dicen ser el amo absoluto de su voz. En esta perspectiva de la historicidad, el análisis del discurso rescata el estatuto del materialismo histórico y propone una forma de leer los caminos que toman los hombres para significar la vida. Este estudio apunta a la dirección metodológica introducida por Michel Pêcheux y los defensores de una propuesta en la que los procedimientos analíticos se definen a la luz de la teoría social marxista.

Palabras clave: discurso, marxismo, historia, teoría, método.

ABSTRACT. This paper argues that, from a historical perspective, Discourse Analysis goes forward both in theoretical and methodological terms and breaks paradigms that sustain the object as a signification determining and that affirms that the subject is owner of his discourse. In this historical perspective, the Discourse Analysis brings back the historic materialism statute, it proposes a reading form to the manners that men use to signify life. This research points to a methodological direction introduced by Michel Pêcheux and those who hold a proposal whose analytical proceedings are defined based in the social theory Marxist references.

Keywords: discourse, Marxism, history, theory, method.

RESUMO. Argumenta-se neste trabalho que, numa perspectiva de historicidade, a Análise do Discurso avança em termos teóricos e metodológicos e rompe com os paradigmas que sustentam o objeto como determinante da significação e com os que afirmam ser o sujeito o senhor absoluto do seu dizer. Nesta perspectiva de historicidade, a Análise do Discurso resgata o estatuto do materialismo histórico e propõe uma forma de leitura das maneiras como os homens significam a vida. Este estudo aponta para a direção metodológica introduzida por Michel Pêcheux e os defensores de uma proposta em que os procedimentos analíticos são definidos à luz do referencial da teoria social marxista.

Palavras-chave: discurso, marxismo, história, teoria, método.

1. INTRODUÇÃO. No prefácio ao livro de Jean-Jacques Courtine, intitulado *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cris-*



Signo y Señá, número 24, diciembre de 2013, pp. 105-121

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

tãos, publicado em 1981¹, Michel Pêcheux se refere à Análise do Discurso como um “espaço incerto em que a língua e a história se defrontam —e se enfrentam— mutuamente”. Refere-se ao estado da Análise do Discurso desde a sua origem; menciona a prática reflexiva de autocrítica dessa disciplina, que expressa suas “vicissitudes, guinadas e derrotas”; aponta a pressão dos movimentos intelectuais e políticos que influenciaram a Análise do Discurso na definição de “discursos políticos” como objeto de estudo, esclarecendo que essa tendência para analisar as especificidades, alianças e determinações de discursos políticos é afetada pela história. No momento em que apresenta o trabalho de Courtine, Pêcheux mostra as inflexões pelas quais passou a Análise do Discurso desde a sua origem no movimento estruturalista, na França dos anos de 1960. Como um mestre, pensador e crítico da sua própria produção, reconhece as mudanças no campo de saber do qual era fundador e a necessidade de uma revisão permanente da teoria da Análise do Discurso.

Na introdução de um texto apresentado na conferência “Marxismo e interpretação da cultura: Limites, fronteiras, restrições”, na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983², Pêcheux se define como um pensador preocupado com suas descobertas, questionando o percurso da Análise do Discurso, suas verdades e confusões teóricas advindas de aproximações dos campos de conhecimento científico e filosófico. A metáfora da “construção solitária” na parábola do “velho marxista” aponta o conflito do pensador consigo mesmo; este se vê instado a escolher um caminho para fazer o seu trabalho (intelectual), porquanto a própria teoria marxista indica que o real não se deixa apanhar por um método rígido único e inquestionável, como quer o “pensamento científico”. Disto decorre que “não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos” (Marx-Engels s/d, 195)³.

1 *Langages*, 62, juin, 1981. Traduzido para o português e publicado em 2009 pela EdUFSCar (Editora da Universidade de São Carlos).

2 Texto traduzido para o português por Eni Pulcinelli Orlandi, intitulado *O discurso: Estrutura ou acontecimento*, publicado pela Editora Pontes em 1990.

3 A edição de *Obras escolhidas* de Marx e Engels, em três volumes, referida neste artigo, é da editora Alfa-Ômega e não tem data de publicação (há indícios de que seja de 1982); foi realizada com base na edição soviética preparada pelo Instituto de Marxismo-leninismo, publicada em Moscou no ano de 1953, pela Ediciones en Lengues Extranjeras. Circula no Brasil outra publicação desta obra pela editorial Avante! - Edições Progresso (Lisboa - Moscovo, 1982).

A inquietude de Pêcheux nos textos dos anos de 1980 deixa transparecer seu entendimento de que muitas descobertas ainda estavam por ser feitas no campo da Análise do Discurso e em sua interlocução com o marxismo. Com essa certeza nos propomos a adentrar os caminhos árduos e tortuosos da teoria marxista para rever conceitos e entender a contribuição dessa vertente à leitura/análise de discursos. Os caminhos desta vertente são tortuosos porque provocam revoluções, quebram regras, dissolvem saberes ditos “inatingíveis”⁴. A decisão de trilhar os caminhos de uma vertente da teoria social de Marx requer a retomada dos estudos do próprio Marx para superar os inúmeros equívocos que a história do pensamento social produziu ao apropriar-se desta teoria. Isso nos faz lembrar Netto (2013, 6), quando diz que “praticamente todas essas interpretações equivocadas podem ser superadas —supondo-se um leitor sem preconceitos— com o recurso a fontes que operam uma análise rigorosa e qualificada da obra marxiana”. Com esse intento apresentamos neste artigo alguns pontos para acrescentar ao debate acerca do Marxismo e da Análise do Discurso.

Seria estranho que os analistas do discurso fossem os últimos a saber da conjunção existente entre a cegueira quanto à história e a surdez quanto à língua que diz respeito a seus objetos e as suas práticas (Pêcheux 2009, 26).

2. A ANÁLISE DO DISCURSO E O MOVIMENTO ESTRUTURALISTA. Michel Pêcheux foi tangenciado por uma vertente do marxismo que carrega a marca do movimento estruturalista, cujo êxito se deve à grande adesão de intelectuais franceses que ansiavam pela consolidação de um método científico aliado ao desenvolvimento de um pensamento crítico. Foram notórios os confrontos de posturas teóricas e políticas que marcaram esse movimento filosófico na França nos anos de 1960.

Contestando o academicismo, o paradigma estruturalista garantia seu lugar à margem da instituição de puro saber —declarada “Ciência”— e se fazia imitar por muitos, carentes de pilares rigorosos para sustentar as suas teses. O movimento estruturalista trazia uma forte dose de aversão à

4 Uma menção ao título e ao conteúdo do livro de Françoise Gadet e Michel Pêcheux, *A língua inatingível: O discurso na história da linguística*, publicado no Brasil em 2004, pela Editora Pontes. Tem-se, também, dos mesmos autores, publicado no Brasil, em 2011, um fértil texto, digno de atenção, por conter uma síntese dos “dispositivos polêmicos” que cercaram o estruturalismo, as ideias recusadas e as seminais para a Análise do Discurso: *A língua inatingível*. (Em *Análise do Discurso: Michel Pêcheux*, organizado por Eni Orlandi Puccinelli, Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011.)

cultura tradicional do Ocidente e revelava um “apetite de modernismo em busca de novos modelos” (Dosse 1993, 13). O estruturalismo teria sido nesse momento o estandarte dos modernos na luta contra os antigos (Dosse 1993). Foi então que a linguística desempenhou o papel de “ciência-piloto”, cuja função seria guiar os passos das ciências sociais para encontrar novos padrões de cientificidade⁵.

Louis Althusser representou no movimento estruturalista francês a voz e o pensamento marxista. Fez uma leitura de Marx que incomodou, por um lado, os intelectuais do Partido Comunista Francês, por discordarem da sua leitura marxiana; por outro lado, agradou àqueles que apoiavam a sua iniciativa em propor uma releitura dos textos fundadores do pensamento de Marx, dando-lhe um enfoque teórico capaz de afastá-los das ideias stalinistas, denegridoras do pensamento comunista. Tem-se então um projeto de releitura de Marx, empreendido por Althusser, que ganha força entre os intelectuais a partir de uma “nova teoria do Ler”. Esta prática de leitura, caracterizada como “sintomal”, ensaiava a interlocução com as reflexões de Lacan, que mais tarde incidiria na composição teórica da Análise do Discurso. Na leitura sintomal “se encontrava o caráter mais essencial do que não é visível e que se refere à falta, à ausência” (Dosse 1993, 335), que imprimirá sentido a diversos aspectos conceituais da teoria do discurso.

No ato de ler Marx, os althusserianos assumem o paradigma estrutural que privilegia a atitude crítica ante o texto, requerendo uma leitura discursiva e retomando uma forma de ler que, segundo Althusser, advém do próprio Marx quando lê os clássicos da economia política:

É o próprio Marx quem nos faz ver assim os espaços em branco do texto da resposta da economia clássica: mas com isso ele apenas nos faz ver o que o próprio texto clássico diz não o dizendo e o que não diz ao dizer. Não é pois Marx quem diz que o texto clássico não diz [...] —é o próprio texto clássico quem nos diz que se cala: seu silêncio são as suas palavras—. (Althusser 1975, 21).

Althusser chama a atenção para que, a exemplo de Marx, os leitores com uma nova postura de leitura ultrapassem o destino a que estariam condenados pelos velhos hábitos, não vendo nos textos nada mais além do que o seu autor viu. Diz ele: “voltemos a Marx, para observar que pode-

5 Ficará evidente para o leitor a ausência neste artigo de uma análise mais apurada da teoria linguística na constituição da teoria do discurso, assim como saltará aos olhos uma reflexão de natureza mais histórico-metodológica.

mos justamente apreender nele, não somente o que ele diz, mas no que faz, a própria passagem de uma primeira ideia e prática da leitura a uma nova prática da leitura e a uma história capaz de fornecer uma nova teoria do ler” (Althusser 1975, 16).

Na leitura dos clássicos da economia feita por Marx, Althusser distingue dois modos. O primeiro é uma leitura do “discurso do outro”, Ricardo, Smith etc., com o propósito de “captar as insuficiências e estabelecer a diferencialidade, mostrando assim o que não foi percebido pelos seus predecessores” (Dosse 1993, 336). Essa primeira leitura aponta para a segunda, uma leitura mais essencial, quando são apreendidas as “concordâncias e discordâncias”. A segunda leitura possibilita ver o texto para além das faltas, lacunas e silêncios que foram assinalados; essa releitura “permite a Marx perceber o que a economia clássica não via, embora visse” (Dosse 1993, 336). É essa a qualidade de uma “leitura sintomal”: identificar no texto o que não pôde ser expresso por não ser visto, embora estivesse lá, “embora visse”. Se a realidade essencial é a mais escondida, a chave da interpretação não está na ausência do discurso nem nos seus explícitos, “mas no entremeio de sua latência, necessitando de uma escuta ou uma leitura particular” (Dosse 1993, 336) que se sustenta nos estudos psicanalíticos desde Freud até Lacan.

Por isso Althusser busca na psicanálise as condições de uma leitura dos textos de Marx, ao articular conceitos psicanalíticos com os do materialismo histórico⁶, como é o caso das “condições de produção”, apontando para condições de existência do dizer, das possibilidades do dizer e do não dizer. Essa prática de leitura foi a via que guiou o empreendimento de filósofos e linguistas na busca de novas formas de interpretação dos textos.

A “nova teoria do Ler” colocava em xeque o mito da leitura padronizada pelas ciências e pela religião, em que a leitura seria considerada um fato individual, sob a responsabilidade de um sujeito dotado da faculdade de ver o que está no texto. O desafio colocado para o movimento estrutu-

6 Essa reflexão de Althusser apoia-se tanto em Lacan como em Foucault, invocado pelo próprio Althusser em nota: “A esse esforço teórico, durante longos anos solitários, intransigentes e lúcidos de J. Lacan, é que devemos, hoje, esse resultado que subverteu nossa leitura de Freud [...] Devo reconhecer também a dívida, manifesta ou secreta, que nos liga a esses mestres que nos ensinaram a ler as obras do saber, como o foram Gaston Bachelard e J. Cavallés, mestres que são ainda hoje G. Ganguilhem e Michel Foucault” (Althusser 1975, 14 n.1).

ralista era pôr de cabeça para baixo as verdades consolidadas pelo saber científico tradicional, zelador da objetividade absoluta, para garantir certezas. Foi, pois, a empreitada de Althusser de uma releitura de Marx que viabilizou o caminho para a análise de discursos (Courtine, 2005).

3. MICHEL PÊCHEUX E A “TEORIA DO DISCURSO”. Michel Pêcheux começou a explicitar suas ideias acerca da situação teórica das ciências sociais, em particular a da psicologia social, em seu primeiro artigo publicado nos *Cahiers pour l'analyse* em 1966. Participava dos círculos de estudos sobre Marx na Escola Normal Superior da rua d'Ulm, como um dos discípulos de Althusser. Como diz Maldidier (2003, 18), “Althusser é para Michel Pêcheux aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso. A toda uma geração, aliás, ele oferecia a possibilidade de ‘pensar o marxismo fora de uma vulgata mecanicista’”. A convivência intelectual de Pêcheux nos círculos de debate althusseriano foi decisiva para elaborar uma “teoria não subjetiva da subjetividade”. Pêcheux desenvolve, ao longo de seus projetos de estudo, uma posição materialista para elucidar o conceito de “processos discursivos” que incorporou à “Teoria do Discurso”, assim denominada por ele (Pêcheux 1988, 32), e formar um campo de elementos científicos necessários à análise de tais processos.

A Análise do Discurso como uma disciplina tinha a tarefa de “elaborar uma concepção do discurso que fizesse dele um objeto essencial para a compreensão das realidades históricas e políticas, um nível de intervenção teórica crucial para quem desejava, ao mesmo tempo, compreender a sociedade e operar sua transformação” (Courtine 2006, 380). É esse projeto originário que, embora transformado ao longo da história, fazendo emergir uma diversidade de proposições metodológicas, não perde o compromisso de identificar a proximidade da ideologia com a prática política. Daí ter sido irresistível a eleição de discursos políticos como objeto de análise, visto ser o discurso um instrumento de poder por excelência.

Pêcheux (1988, 255) procurou, “sob a forma de ‘proposições’, alguns elementos que podem fornecer a base de uma análise científica dos processos discursivos, articulando, no materialismo histórico, o estudo das superestruturas ideológicas, a teoria psicanalítica e a pesquisa linguísti-

ca”⁷. Propunha uma aproximação das ciências sociais com a prática política na sua função reprodutora das relações sociais. Essa relação entre as ciências sociais e a política negaria a concepção reducionista de linguagem a mero instrumento de comunicação, explicitando a vinculação entre linguagem e ideologia e, com isto, a concepção de discurso (Dosse, 1993).

Foram muitas as inquietações acerca das posições teórica e política que Pêcheux (1988, 293) assumia na conjuntura intelectual da França. Diz ele: “Intervir no Marxismo sobre a questão de ideologia, levantando questões sobre sua relação com a Psicanálise e com a Lingüística, é, *ipso facto*, mexer com uma espécie de ‘tríplice aliança’ teórica que, na França ao menos, se configurou sob os nomes de Althusser, Lacan e Saussure no decorrer dos anos 60”. E mais adiante, falando sobre a problemática (“não há fumaça sem fogo”) desta aliança: “Intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido pelo fogo de um trabalho crítico, [...]”. Acrescenta: “[...] a luta filosófica é um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser definida e fortalecida ante o que se poderia chamar a adversidade no pensamento” (Pêcheux 1988, 293).

As reflexões empreendidas por Pêcheux vão se dimensionando e sendo objetos de autocritica. Para Henry (1993, 36), Pêcheux entendia que “os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões. É pelo menos isto que Pêcheux esperava de seu dispositivo: que ele fosse verdadeiramente o meio de uma experiência efetiva”. É numa perspectiva de historicidade que a Análise do Discurso avança em termos teóricos e metodológicos, podendo romper com os paradigmas que sustentam o objeto como determinante da significação e com os que afirmam ser o sujeito o senhor absoluto do seu dizer. Nesta perspectiva de historicidade, a Análise do Discurso resgata o estatuto do materialismo histórico e propõe outra leitura das formas de significação da existência, das formas como os homens atribuem sentido à vida.

4. REVENDO CONCEITOS... APURANDO REFLEXÕES. São muitos os conceitos que vão se constituindo na Análise do Discurso como herança das três áreas de conhecimento que lhe servem de alicerce teórico-metodológico: a lingüística, a psicanálise e o marxismo. O sujeito ocupa o centro das dis-

7 Nessa empreitada teórica dialogam a lingüística (de Saussure), a psicanálise (de Lacan) e o marxismo (de Althusser).

cussões dessas áreas, porquanto ele se volatilizou no horizonte da teoria estruturalista. Ao lado da noção de sujeito há a discussão acerca da ideologia. São essas duas noções que vão fincar as colunas de sustentação de uma teoria crítica do discurso.

Pêcheux estabelece uma relação entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia com base nas ideias do materialismo histórico⁸, ancorado, sobretudo, na leitura althusseriana de Marx. Com isto constrói o conceito de discurso, no qual explicita a natureza ideológica: não há discurso sem sujeito; “todo discurso é discurso de um sujeito [...] entendendo que todo discurso funciona com relação à forma-sujeito” (Pêcheux 1988, 198). A forma-sujeito, conceito introduzido por Althusser (1978, 67), “de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”. Assim, também não existe sujeito sem ideologia; “o ‘não sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia” (Pêcheux 1988, 155). Dosse (1993), ao analisar o sentido de ideologia em Althusser, diz que este filósofo eleva a ideologia a um estágio de autonomia relativa de tal forma que esta assume uma estrutura “trans-histórica”. Isto repercute na interpretação de Pêcheux (1988, 151), quando diz que a ideologia não tem história, ela é “omni-histórica”, “no sentido em que o Manifesto define a história como ‘história da luta de classes, ou seja, história das sociedades de classe’”.

A noção de história é tomada de Althusser no seu processo de leitura de Marx do *Manifesto comunista*: “A história de todas as sociedades até hoje é a história da luta de classes” (Marx e Engels 1998, 4). São essas as palavras de Marx nas quais se apoia Althusser, endossado por Pêcheux, para discorrer sobre o caráter não histórico da ideologia. A ideologia estaria, pois, para além da história da luta de classe. A instância ideológica —a ideologia, no singular— é elevada por Althusser a sua condição de au-

8 Pêcheux identifica o materialismo histórico com o marxismo contemporâneo e sua descendência política. Refere-se ao marxismo-leninismo, esclarecendo a aproximação de suas pesquisas a essa linha de pensamento para fundamentar a crítica ao formalismo ou ao empirismo lógico da Linguística, visto que essa é, também, uma questão política. Propunha-se examinar duas questões centrais com base nos elementos teóricos do leninismo: “a questão da produção dos conhecimentos científicos; a questão da prática política revolucionária do proletariado” (Pêcheux 1988, 33). Na sua autocrítica, Pêcheux revê os limites da teoria marxista-leninista para avançar em suas reflexões: “o que está inadequado, aqui, em referência ao marxismo-leninismo é o retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática” (Pêcheux 1988, 299). (Vale à pena ver a expressão de suas inquietudes a esse respeito no Anexo 3 do livro *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*, tradução brasileira.)

tonomia, de independência das sociedades de classes, embora nesta cumpra a função de “interpelar os indivíduos em sujeitos”. Pêcheux (1988, 149) esclarece que nessa concepção althusseriana de ideologia distinga-se “ideologia”, termo empregado no singular, do conceito de “formações ideológicas”, pois estas têm uma existência histórica. Essa interpretação de ideologia permite reaver o destino do sujeito relegado na programática estruturalista voltada à crítica das teorias “subjettivistas”. Conforme Dosse, (1993, 344). “A eficácia do ideológico redonda, pois, na criação, pelas práticas induzidas, de sujeitos em situação de enfeudação absoluta em face do lugar que lhes é atribuído; os transforma em objetos mistificados de forças ocultas representadas por um novo sujeito da história: a ideologia”. O novo sujeito da história —a ideologia— é o “sujeito de substituição”, o que produzirá efeitos da “forma-sujeito”.

Pêcheux, (1988, 253) ao cabo de anos de pesquisa, parece ter certeza de que suas inquietações como linguista —autodenominado— preocupado com a filosofia são introduções a um diálogo complexo e inconcluso com o marxismo. Em certo ponto de suas reflexões afirma que “No que nos diz respeito, acreditamos ter esquematizado aqui alguns elementos capazes de contribuir para um estudo materialista do discurso” (Pêcheux 1988, 254). Entretanto, ele mesmo reconhece o quão complexo é o campo no qual está adentrando:

quem trabalha nesse ‘front’ de luta teórica e ideológica sabe [...] não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às condições de produção sócio-históricas do discurso, é preciso, ainda, poder explicar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação das formações ideológicas, tal como a luta ideológica das classes determina [...] também não se está quite com o materialismo histórico apenas pela inversão da teoria ‘comunicacional’ da linguagem em uma teoria instrumental e pragmática segundo a qual a linguagem serve, primordialmente, para agir sobre outrem (Pêcheux 1988, 253-254).

Tem-se nessa passagem um desafio para o analista do discurso que assume uma perspectiva marxista: ir além do entendimento de conceitos de um programa teórico do materialismo histórico e extrapolar a natureza pragmática da linguagem, não se deixando seduzir pela sua capacidade de agir sobre outrem. É nesse sentido que Pêcheux (1993, 235) alerta para a ambiguidade de certos conceitos como, por exemplo, o de “condições de produção”. O termo “produção” poderá acarretar interpretações diversas daquela a que se propõe enquanto conceito da teoria do discurso, e para evitá-las distingue o sentido econômico do sentido epistemológico.

gico (produção de conhecimento) de seu sentido psicolinguístico (produção de imagem); acrescenta que o significado do termo em AD recebe a expressão “efeitos” (produção de um efeito). Em seguida, Pêcheux (1993, 182) acrescenta que com esse termo entendem-se “as determinações que caracterizam um processo discursivo, inclusive as características múltiplas de uma situação concreta que conduz à produção do sentido linguístico”. Ainda nessa linha de reflexão, acrescenta outras noções como a de “efeitos de sentido” e a de “interdiscurso”, que conduzem a uma definição de “memória do discurso”.

Todas essas noções foram redefinidas por Pêcheux à luz do referencial do materialismo histórico, estabelecendo uma relação entre a noção de linguagem e de ideologia, o que culminou numa produção teórica de ampla repercussão que revolucionou as formas de leitura e interpretação de textos.

A interlocução entre a linguística e a filosofia, que não poderia ser desvinculada desta produção teórica pecheutiana para a análise do discurso, permitiu que ficasse em aberto a possibilidade de uma reaproximação da teoria do discurso com a teoria social de Marx, especificamente do método que o fez compreender o movimento da sociedade burguesa.

Atualmente, no debate sobre o projeto originário para os estudos do discurso, observa-se um processo de reaproximação da Análise do Discurso com o materialismo histórico. Esse campo específico de conhecimento do discurso passa a definir uma teoria crítica que procura problematizar e compreender certas realizações linguísticas. Toma-se, então, o discurso como um processo no qual se define a articulação da língua com a história, revelando-se a tensão entre esses dois elementos.

5. “A INVESTIGAÇÃO TEM DE APODERAR-SE DA MATÉRIA, EM SEUS PORMENORES...”

(KARL MARX). A definição da especificidade de uma área de estudo implica a definição do objeto, e a Análise do Discurso concentra objetos ao mesmo tempo linguísticos e históricos. Mas essa não é uma tese de fácil compreensão e defesa, principalmente se o projeto em curso de uma área de estudo (no caso, o projeto da disciplina Análise do Discurso) põe em xeque as vertentes que se limitam ao exame das formas dadas de um objeto, mirado por um pesquisador, que o descreve e constrói modelos explicativos para dar conta —à base de hipóteses que apontam para relações de causa/efeito— do seu movimento visível, procedimento esse próprio da tradição empirista e/ou positivista (Netto, 2013). Ou questiona vertentes

que se reduzem à construção de enunciados discursivos sobre os quais uma “comunidade científica” pode ou não estabelecer consensos intersubjetivos, característicos de “jogos de linguagem ou exercícios e combates retóricos” (Netto, 2013).

É, sobretudo, esse conjunto de ideias que torna difícil a definição da especificidade de uma área de conhecimento e do objeto de pesquisa. Não é estranho, pois, que o objeto de estudo da Análise do Discurso —o discurso— seja multifacetado, congregando saberes de diversos campos, especificamente da linguística e da história. Essa aliança de saberes é eminentemente conflitante: ao mesmo tempo que se aproxima de e interage com conceitos fundamentais da linguística, se distancia e questiona suas evidências sob o parâmetro da história. É a partir dessa compreensão, de que a história não pode ser apartada do funcionamento da língua no discurso, que se pode reconhecer a Análise do Discurso como uma “disciplina de entremeio” no campo das ciências sociais. Tanto é entremeada por várias abordagens teóricas, estabelecendo-se uma interlocução teórico-metodológica no seu interior, como intermedeia, perpassa e serve de apoio aos diversos campos de saber:

A Análise de Discurso —quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leituras— se apresenta como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade específica do discurso (Orlandi 1990, 8).

A Análise do Discurso se apropria e redefine conceitos tidos como de natureza eminentemente linguística, tais como linguagem, língua, discurso, texto, e institui outras noções conceituais necessárias ao processo de análise, como condições de produção, historicidade, formação discursiva, formação ideológica. Desta forma a Análise do Discurso investe na elaboração e na sustentação de um quadro teórico-metodológico que lhe permita atribuir-se e reconhecer-se como um campo específico do conhecimento pautado por uma teoria social crítica.

Vejamos alguns traços distintivos do método que orienta o percurso de uma análise de discursos à luz do marxismo.

Desse lugar teórico entende-se por “discurso” um complexo, e como tal, não se restringe ao texto que o representa empiricamente. O discurso é um todo concreto que resulta de processos próprios das relações sócio-

históricas. Todo discurso “‘concreto’ é, de fato, um complexo de processos que remetem a diferentes condições” (Pêcheux e Fuchs 1993, 182). Na condição de “todo concreto”, o discurso é resultado, é ponto de chegada de um longo processo de abstração da realidade; é, pois, objeto pensado e se apresenta como objeto acabado. Para lembrar Marx (1983, 218), “o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo a unidade da diversidade”.

O concreto aparece no pensamento “como um processo de síntese, um resultado, e não como um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto, igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação” (Marx 1983, 219). Neste caminho metodológico, “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento” (Marx 1983, 219), o que significa dizer que o método do materialismo histórico consiste em elevar-se do abstrato ao concreto. O papel do sujeito é fundamental no processo de análise do objeto. O sujeito apanha as determinações do objeto em análise, abstraindo-as “como um produto da elaboração de conceitos a partir da observação imediata e da representação” (Marx 1983, 219).

Marx separa claramente o que é da ordem da realidade, do objeto, do que é da ordem do pensamento (o conhecimento operado pelo sujeito): começa-se “pelo real e pelo concreto”, que aparecem como dados; pela análise, um e outro elementos são abstraídos e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações as mais simples (Netto 2013, 20).

Para Marx, como lembra Netto, o objeto de estudo tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O conhecimento se inicia pela aparência, pela imediatez, pela empiria do objeto, um nível importante de realidade que não deve ser descartado no processo da pesquisa. O objetivo do pesquisador é ir além dessa aparência, “é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto” (Netto 2013, 9).

Numa palavra: ‘o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto’. Alcançando a essência do objeto, isto é, capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou (Netto 2013, 9).

Netto (2013, 9) acrescenta que para Marx e “para todos os pensadores dialéticos, a distinção entre aparência e essência é primordial”. E menciona Marx em duas passagens fundamentais para o entendimento da questão: 1) “Toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação (a aparência) e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (Marx 1985, 939); 2) “As verdades científicas serão sempre paradoxais se julgadas pela experiência de todos os dias, a qual somente capta a aparência enganadora das coisas” (Marx 1982, 158).

Retornemos ao que significa tudo isso para o campo da Análise do Discurso. Para o analista do discurso, como um “pensador dialético”, o objeto de sua observação imediata é o texto⁹, a matéria da pesquisa que oferece o dado, a aparência do objeto. Tomado como materialidade do discurso o texto é o ponto de partida da investigação, constituído de determinações a serem apreendidas, elaboradas no nível do pensamento. Essas determinações são buscadas a partir das suas manifestações mais simples, como, por exemplo, a natureza do léxico que constitui uma cadeia sintagmática; e elevam-se às mais complexas, como a produção dos sentidos numa rede de formulações discursivas ou interdiscursos, constitutivas do campo de significação, o das formações discursivas. Estas, por sua vez, representam as formações ideológicas sustentadoras de uma ordem social determinada, a formação social vigente, na qual os discursos circulam e cumprem sua função social.

O método de análise de discurso, à luz do marxismo, consiste na apropriação do concreto —o discurso como “objeto concreto”— (Courtine 2006, 65) pelo pensamento, reproduzido como “concreto pensado” (Marx, 1983), que é o resultado da análise, uma exposição do processo de investigação. Tal exposição é também um processo de síntese. Marx distingue o método de exposição do método de pesquisa, nos seguintes termos:

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori (Marx 1988, 16).

Para compreender o método de análise numa perspectiva marxista deve-se, ainda, distinguir o sentido de “abstração” e “abstrato”. A abstra-

9 O texto compreendido como “material bruto linguístico”, conforme Orlandi (2006, 16).

ção é a capacidade intelectual que permite extrair de uma contextualidade determinada —a totalidade— um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise torna-se inviável. A abstração retira do elemento abstraído as suas determinações mais concretas, até atingir “determinações as mais simples” (“viagem de ida”). O elemento abstraído torna-se “abstrato”; é na totalidade de que foi extraído que ele se concretiza, porquanto está saturado de “muitas determinações”. É por isso que a realidade é concreta, pois é “a síntese de muitas determinações”, a “unidade do diverso” que é própria de toda totalidade. O conhecimento teórico é o conhecimento do concreto, que constitui a realidade, mas que não se oferece imediatamente ao pensamento. O concreto a que chega o pensamento pelo método que Marx considera “cientificamente exato” (o “concreto pensado”) é um produto do pensamento que realiza a “viagem de volta”, aquela feita depois de se chegar às “determinações simples”. Segundo Netto (2013, 22), “Marx não hesita em qualificar este método como aquele que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, único modo pelo qual o cérebro pensante se apropria do mundo”.

Assim também ocorre na pesquisa em Análise do Discurso. Uma primeira aproximação do analista com o material de análise o conduzirá à obtenção do objeto discursivo, quando poderá ter as indicações iniciais das categorias de análise que o guiarão ao conhecimento do funcionamento do discurso. Nessa perspectiva teórico-metodológica de princípios marxista, e apenas nela, o discurso é tomado pelo analista como um “concreto pensado”, um produto ideológico; devido a essa condição, é exposto/exposto, seja de forma oral, seja de forma escrita, por um “sujeito singular” (um indivíduo singular, personificado socialmente). Este sujeito singular é constituído de um “cérebro pensante”; tem, por isso, a propriedade da razão, inerente aos indivíduos, que os torna capazes de se apropriarem do mundo ante todas as possibilidades e dificuldades que lhes são impostas (embora dissimuladas) pelo movimento e funcionamento do mundo real. Assim, não se pode negar o enlaçamento do sujeito-pensante com o complexo histórico-social, de tal maneira que não se pode isolar de tal complexo o pensamento e seus produtos. O complexo histórico social é, pois, determinante do pensamento (Chasin, 1983).

6. CONCLUINDO. A esta altura pode-se retomar o ponto que constituiu o início destas reflexões, considerando que as ideias aqui expostas são motes para novas partidas. Vimos que Pêcheux concebe a Análise do Discurso

como um “espaço incerto em que a língua e a história se defrontam —e se enfrentam— mutuamente”. A língua e a história formam a ordem do discurso. Logo, o discurso é o ponto de partida e o ponto de chegada. Ponto de partida por ser uma complexidade saturada de determinações¹⁰, de onde são abstraídas as determinações mais concretas pelo processo de análise e abstração, chegando-se às determinações mais simples, para daí elevar-se ao *concreto pensado* —ponto de chegada—. Nesse processo toma-se o objeto discursivo e chega-se ao complexo discurso/objeto/discurso, visto que a interpretação do analista, alcançando a totalidade do concreto —“a síntese de múltiplas determinações”—, resulta em um novo *concreto pensado*.

Pode-se repetir o que se disse, com a linguagem conceitual da Análise do Discurso, nos seguintes termos: uma análise de discurso consiste em interpretar o funcionamento do discurso. Consiste, pois, em “*apoderar-se da matéria, em seus pormenores*, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas” (Marx 1988, 16), sendo esse o processo de investigação e análise. Em seguida, depois de concluída essa etapa da pesquisa, pode-se “descrever, adequadamente”, o funcionamento do discurso, seu “movimento real”.

Isso assinala, como diz Pêcheux e Fuchs (1993, 79), ser “*impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, sendo necessário referi-lo ao conjunto de *discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (grifos originais). Um discurso é sempre relacionado às suas condições de produção sócio-históricas, identificando-se esse “conjunto de discursos possíveis”.

O campo conceitual, a teoria¹¹, da Análise do Discurso estabelece a mediação entre o movimento real e o plano do pensamento e orienta a análise (processo de interpretação) a fim de alcançar o funcionamento do discurso. Desse modo, torna possível identificar o processo de deslocamentos de sentidos e apreender “o equívoco da língua”, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mes-

10 Determinações “são traços pertinentes aos elementos constitutivos da realidade [...] As ‘determinações as mais simples’ estão postas no nível da universalidade; na imediateidade do real, elas mostram-se como singularidades —mas o conhecimento do concreto opera-se envolvendo universalidade, singularidade e particularidade—” (Netto 2013, 23).

11 “A teoria é a reprodução, no plano do pensamento, do movimento real do objeto” (Netto 2013, 10).

mo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro” (Pêcheux 1990, 53). A interpretação de discursos é viável porque há o *outro* que não se revela imediatamente na história, que opera no funcionamento discursivo instituindo uma ligação de identificação ou de transferência, de deslocamentos ou produção de efeitos de sentido.

É inadequado dizer que nesse ponto concluímos as reflexões aqui expostas. Não é possível fazê-lo porque o conjunto da pesquisa introduzida por Michel Pêcheux está produzindo história, subordinada a questões teóricas e políticas ao mesmo tempo. A única certeza da ordem do pensamento é o seu caráter inconcluso, visto que o contrário resultaria na conformação (inimiga do debate) e na desesperança (aliada do fim). Que seja, então, o próprio Pêcheux (1988, 17) a dizer por que não podemos concluir: “Estamos recusando a armadilha retórica do dilema (sob o modo do ‘ou... ou’ e do ‘se não é um, é outro’), no qual alguns sonham encurralar a pesquisa marxista ou afogá-la como gatinho cego, impedindo-a de construir novas problemáticas”.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq - Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio às pesquisas realizadas pela autora deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- Althusser, Louis. 1978. *Resposta a Jonh Lewis: Elementos de autocritica; Sustentação de tese em Amiens*. Posições 1. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- . 1975. *Ler o Capital*, vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar.
- Amaral, M. Virgínia Borges. 2002. “Análise do discurso: Língua, história e ideologia”. *Leitura, revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística* 23.
- . 2005. *Discurso e relações de trabalho*. Maceió: Edufal.
- . 2007. *O avesso do discurso: Análise de práticas discursivas no campo do trabalho*. Maceió: Edufal.
- Chasin, José. 1978. *O integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Ciências Humanas.
- Courtine, Jean-Jacques. 1981. “Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens”. *Linguages* 62, 9-127.
- . 1999. “O chapéu de Clémentis”. Em *Os múltiplos territórios da análise do discurso*, organizado por Freda Indursky e M. Cristina Leandro Ferreira, 15-22. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.
- . 2006. *Metamorfoses do discurso político, derivas da fala pública*. São Carlos: Clara Luz.
- Dosse, François. 1993. *História do estruturalismo*, vol. 1: *O campo do signo*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Unicamp.

- Henry, Paul. 1993. "Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux". Em *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por Françoise Gadet e Tony Hak, 13-39. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Marx, Karl 1982. *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes; Os Economistas*. São Paulo: Abril Cultural.
- . 1983. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes.
- . 1985. *O Capital*, livro 3, vol. 6. São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial.
- . 1988. *O Capital*, livro 1, vol. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Marx, Karl e Friedrich Engels. s/d. "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã". Em *Obras escolhidas*, vol. 3, 171-207. São Paulo: Editora Alfa-Ômega.
- . 1986. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec.
- . 1998. *Manifesto do Partido Comunista*. Prólogo de José Paulo Netto. São Paulo: Cortez.
- Maldidier, Denise. 2003. *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes.
- Netto, José Paulo. 2013. *Introdução ao método da teoria social*. Consulta feita em setembro de 2013.
http://www.extension.edu.uy/sites/extension.edu.uy/files/introduccion_al_metodo_en_marx-_jp_netto.-1.pdf
- Orlandi, Eni. 1990. "Nota ao leitor". Em *O discurso: Estrutura ou acontecimento*, de Michel Pêcheux, 7-9. Campinas: Pontes.
- . 1996. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- . 2006. "Análise do discurso". Em *Discurso e textualidade*, organizado por Eni Orlandi e Suzy Lagazzi-Rodrigues, 11-31. Campinas, SP: Pontes.
- Pêcheux, Michel. 1988. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp.
- . 1990. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes.
- . 2004. *A língua inatingível: O discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes.
- . 2009. "O estranho espelho da Análise do Discurso: Prefácio". Em *Análise do discurso político: O discurso comunista endereçado aos cristãos*, de Jean-Jacques Courtine, 16-21. São Paulo: EdUFSCar.
- Pêcheux, Michel e Françoise Gadet. 2011. "A língua inatingível". Em *Análise do discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados, organizado por Eni Orlandi. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, Michel e Catherine Fuchs. 1993. "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)". Em *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por Françoise Gadet e Tony Hak. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Virgínia Borges Amaral

Universidad Federal de Alagoas
mvirginia39@gmail.com

Trabajo recibido el 9 de septiembre de 2013 y aprobado 5 de noviembre de 2013.